



8º Encontro Internacional de Política Social
15º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Questão social, violência e segurança pública:
desafios e perspectivas
Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

Eixo: Marxismo, teoria social e crítica da economia política.

Das lumpenproletariat¹: população em situação de rua e Serviço Social.

Giovanna Bueno Cinacchi²

Resumo: O artigo discute a ampla utilização da categoria de *lumpenproletariat*, a partir do referencial marxiano para tratar da população em situação de rua na área do Serviço Social. Questionamos aqui se tal apropriação é pertinente, não apenas por questões teórico-metodológicas, visto que não há consensos na literatura sobre o tema, mas principalmente, pelo próprio caráter da profissão, de luta contra preconceitos e moralismos. Nesse sentido, nosso objetivo é, a partir da discussão do entendimento de *lumpenproletariat* desenvolvido em Marx, Engels e Fanon, trazer um contraponto à perspectiva ora adotada pelo Serviço Social. Para tanto, é realizada a revisão bibliográfica de obras desses autores que abordam o tema, bem como a revisão de artigos, teses e dissertações da área de Serviço Social.

Palavras-chave: lumpemproletariado; Serviço Social; população em situação de rua.

Das lumpenproletariat: homeless people and Social Work

Abstract: The article discusses the widespread use of the *lumpenproletariat* category, based on the Marxian framework to address the homeless population in the area of Social Work. We argue whether such appropriation is pertinent, not only for theoretical-methodological issues, since there is no consensus in the literature on this subject, but mainly, due to the very character of the profession, of fighting prejudices and moralism. In this sense, our goal is, from the discussion of the understanding of *lumpenproletariat* developed by Marx, Engels and Fanon, to bring a counterpoint to the perspective now adopted by Social Work. For this purpose, a bibliographic review of these authors works that address the theme is carried out, as well as a review of articles, theses and dissertations in the area of Social Work.

Keywords: lumpemproletariat; Social service; homeless population.

1 Introdução

A adesão concreta de políticas voltadas para a população em situação de rua (PSR), as quais, apesar de serem insuficientes, se colocam como um passo importante na visibilização de um grupo historicamente invisível na sociedade e no campo das políticas governamentais. Considerando o desmonte impetrado na atualidade contra as

1 No original, em alemão, o conceito marx/engelsiano de lumpemproletariado é chamado *lumpenproletariat*. As diversas traduções, apesar de não divergirem em grande medida, são apresentadas da seguinte forma: lumpemproletariado, lumpenproletariado, lumpén-proletariado, lumpen. Optamos tanto pela manutenção da forma escrita no original, em alemão, quanto pela forma lumpemproletariado, sendo as citações divergentes, oriundas do respeito à tradução realizada em cada obra.

2 Mestra e doutoranda em Política Social (UFF). Graduada em Serviço Social (UNIRIO) e Ciências Sociais (UNESP). Bolsista CAPES.

políticas sociais e a relevância dessas políticas para as pessoas em situação de rua, acreditamos que o Serviço social tem um papel relevante, tanto pela mediação das políticas sociais, quanto pelo caráter crítico da profissão, o qual pode atingir uma dimensão mobilizadora.

As pessoas em situação de rua são sujeitadas a uma série de preconceitos e estigmas. São considerados vagabundos, bandidos, mendigos, não querem trabalhar. Tido como culpados por sua realidade, criminalizados na sua condição de pobreza extrema. Netto (2008) afirma que a concessão de direitos está ligada à luta contra a barbárie contemporânea, apontando a naturalização da pobreza como primeira dimensão desta:

Enquanto se multiplicam, aos milhares, planos, projetos e programas de redução da pobreza absoluta (de fato, da indigência), não há uma só voz a indicar as suas causalidades sociais profundas nem, muito menos, que afirme ser possível, viável e necessário lutar em prol da supressão da pobreza. É supérfluo acrescentar que, à naturalização da pobreza, segue-se a criminalização do pobre (NETTO, 2008, p.6).

A criminalização e naturalização da pobreza, ou do pauperismo, está presente também em Karl Marx em suas “Glosas críticas marginais ao artigo o rei da Prússia e a reforma social. De um prussiano”, publicado originalmente em 1844. Nesse texto clássico, Marx critica a naturalização da pobreza e a forma como o Parlamento inglês passa a acusar a assistência destinada aos pobres como sendo responsável pelo aumento do pauperismo. Trata, portanto, da “ideia de que o pauperismo é a miséria da qual os próprios trabalhadores são culpados, e ao qual portanto não se deve prevenir como uma desgraça, mas antes reprimir e punir como um delito” (MARX, 2011, p. 146).

Ao longo de nossas pesquisas acerca da população em situação de rua, surgiram alguns incômodos. Ao analisarmos a bibliografia pertinente, em especial aquela concentrada na área de Serviço social, chamou atenção a apropriação da categoria marxiana/engelsiana de lumpemproletariado para a conceitualização da população em situação de rua.

É imprescindível que consigamos estruturar o que compreendemos (e aqui, mais especificamente, o que não compreendemos) por PSR, não apenas para os fins desse trabalho, mas também como uma forma de fazer jus ao método proposto por Karl Marx (o materialismo histórico dialético). Nosso artigo, por meio de revisão bibliográfica, tem como objetivo discutir a categoria do lumpemproletariado e sua inadequação à conceitualização da PSR, especialmente na área de Serviço Social. É importante salientarmos que não cabe na delimitação do presente trabalho a pormenorização de categorias

analíticas do sociometabolismo do capitalismo presente na literatura marxiana e marxista. Tentaremos nos ater, pela própria estrutura do artigo, a questões mais específicas, o que não significa que estamos desconsiderando a importância dessas categorias.

Trazemos aqui a perspectiva adotada por Marx (e também Engels) em algumas obras que permitem uma melhor apreensão da estruturação da conceituação do *lumpemproletariat*. São essas: A ideologia Alemã (Marx e Engels), O Manifesto do Partido Comunista (Marx e Engels), Lutas de Classe na França (Marx), O 18 Brumário de Luís Bonaparte (Marx), O Capital (Marx), A Guerra Campesina na Alemanha (Engels). Como contraponto, trazemos as perspectivas adotadas por Franz Fanon acerca do potencial revolucionário do lumpemproletariado. Posteriormente, discutiremos a forma de apropriação do lumpemproletariado pela literatura do Serviço Social, compreendendo aqui alguns artigos, dissertações e teses recentes colocar umas duas referências. Cabe apontarmos que a maior parte dos trabalhos da área de Serviço social ou áreas correlatas (como Política Social ou Políticas Públicas) que faz uso da categoria *lumpen* se baseia em um trecho da obra de Karl Marx “O Capital” (1996). Por fim, tentaremos tecer algumas considerações para se pensar a população em situação de rua a partir do referencial marxiano.

2 O lumpemproletariado em Marx, Engels e Fanon

O termo *lumpenproletariat* aparece pela primeira vez na primeira obra conjunta de Karl Marx e Friederich Engels, “A Ideologia Alemã”, escrita entre os anos de 1845 e 1846, surgindo como crítica a Max Stirner (ironicamente chamado pelos autores de São Max), o qual, utilizando o termo *lump ou lumpe* rompe com o neohegelianismo, ou com a crítica da crítica. Afirmam Marx e Engels: “Os plebeus, que se situavam entre os livres e os escravos, jamais superaram a condição de uma espécie de lumpemproletariado” (2007, p. 70).

A *Encyclopedia of Marxism* define o lumpemproletariado a partir da referida crítica feita a Stirner, o qual “frequentemente utiliza o termo *Lumpe* e o aplica como um prefixo, mas jamais efetivamente utilizou o termo lumpemproletariado” (MIA, s/d, trad. nossa). Nesse sentido, temos que *Lumpen*, apesar de significar, originalmente trapos ou

farrapos, passou a metonimicamente significar a própria pessoa em farrapos, o próprio maltrapilho.

Em O Manifesto do Partido Comunista, para Marx e Engels, o lumpemproletariado é essencialmente visto como uma classe perigosa

esse apodrecimento passivo das camadas mais baixas da velha sociedade, é parcialmente arrastado para o movimento por uma revolução proletária; em consonância com toda a sua situação de vida, ele estará mais pronto a se deixar comprar para maquinações reacionárias (MARX, ENGELS, 1998, p. 18).

De acordo com Raymond (1988, p. 8, trad. nossa), é no Manifesto Comunista que o lumpemproletariado "é definido como um produto do desenvolvimento histórico e econômico contemporâneo", sendo "a partir de uma reflexão acerca da gênese do proletariado, que irá emergir a noção de lumpemproletariado".

Na obra "Lutas de classe na França"³, Marx aborda os eventos revolucionários que põe a termo a monarquia francesa. Como aponta o autor em nota explicativa "Na Revolução de Fevereiro (22 a 25 de fevereiro de 1848), os trabalhadores, artífices e estudantes franceses derrubaram a monarquia burguesa constitucional de Luís Filipe e forçaram a proclamação da segunda República francesa" (2012, s/p). O lumpemproletariado é tratado não apenas na sua dimensão de parte marginal da classe trabalhadora, mas também a partir de uma conotação especialmente moral. Tratando da crise política e econômica que dividia as frações burguesas, causando descontentamento geral na França, direcionado em grande parte à capacidade especulativa e de fruição dos banqueiros, Marx aponta que "A aristocracia financeira, tanto no modo de obter seus ganhos quanto no modo de desfrutar deles, nada mais é que o renascimento do lumpemproletariado nas camadas mais altas da sociedade burguesa" (op. cit)

No que tange à participação das massas do lumpemproletariado que tomaram parte política, especialmente pela fundação pelo próprio Luís Bonaparte da Sociedade Beneficente 10 de Dezembro, bem como belicamente, pela inserção na Guarda Móvel. Marx situa sua participação no processo revolucionário do seguinte modo

Com essa finalidade o governo provisório instituiu os 24 batalhões da Guarda Móvel, cada um composto de mil homens recrutados entre os jovens de quinze a vinte anos, oriundos, em grande parte, do lumpemproletariado, que, em todas as grandes cidades, compunha uma massa que se distinguiu claramente do proletariado industrial e na qual eram recrutados ladrões e criminosos de todo

³ Trata-se de uma série de artigos publicados na revista hamburguesa Nova Gazeta Renana, a princípio com o título "1848 a 1849". Em 1895, Friederich Engels republicou os artigos, alterando o título, que passa a ser "As lutas de classes na França de 1848 a 1850".

tipo, que viviam das sobras da sociedade, gente sem trabalho fixo, vadios, *gens sans feu et sans aveu* [gente sem teto], distinguindo-se de acordo com o nível de educação da nação à qual pertenciam, mas nunca renegando seu caráter lazarônico; na jovem idade em que o governo provisório os recrutou, eram perfeitamente influenciáveis, capazes dos maiores heroísmos e da mais exaltada abnegação, bem como do mais ordinário banditismo e da mais nojenta venalidade. O governo provisório lhes pagava um franco e cinquenta cêntimos por dia, isto é, ele os comprava (MARX, 2012, s/p, nota do tradutor).

Traz, ainda que

Os bonapartistas confiavam tão pouco no efeito mágico de sua personalidade que, para todos os pontos em que ele ia, embarcavam junto com ele, amontoadas em trens e carruagens, para servir de claque, massas de gente dessa organização do lumpemproletariado parisiense chamada Sociedade 10 de Dezembro (op. cit, s/p).

Nesse contexto, Marx inaugura a ideia a ser sustentada, posteriormente, em 18 Brumário, acerca do lumpemproletariado enquanto sustentáculo do bonapartismo, reiterando a ideia de cooptação dessa parcela da população pelas classes dominantes.

A supracitada obra, “18 Brumário de Luís Bonaparte”, publicada em 1852, na qual Marx analisa o processo da Revolução de Fevereiro que culmina no golpe orquestrado por Luís Bonaparte, responsável por repetir a história, dessa vez como farsa, é atravessada por menções ao lumpemproletariado. O triunfo de Luís Bonaparte é atribuído ao “apoio da aristocracia financeira, da burguesia industrial, da classe média, dos pequeno-burgueses, do exército, do lumpemproletariado organizado como guarda móvel, das capacidades intelectuais, dos padrecos e da população do campo” (MARX, 2011, p. 34).

Novamente, não apenas o “refugio do proletariado” é aqui tratado como sendo pertencendo ao “grupo” de lumpemproletariado. Diz Marx “Presentear e emprestar: nisso se resumia a ciência financeira do lumpemproletariado, tanto do nobre quanto do ordinário. Nisso se resumiam as molas propulsoras que Bonaparte tão bem soube pôr em movimento” (Ibidem, p. 82). Nesse trecho, percebemos a partir dos apontamentos do revolucionário autor alemão que, o próprio Luís Bonaparte (sobrinho distante de Napoleão originário da classe trabalhadora), era tido como um *lumpenproletariat*. Marx, nessa obra aglomera aqueles que ele considera pertencentes a esse grupo. São eles

Roués [rufiões] decadentes com meios de subsistência duvidosos e de origem duvidosa, rebentos arruinados e aventurecos da burguesia eram ladeados por vagabundos, soldados exonerados, ex-presidiários, escravos fugidos das galeras, gatunos, trapaceiros, *lazzaroni* [lazarones], batedores de carteira, prestidigitadores, jogadores, *maquereaux* [cafetões], donos de bordel, carregadores, literatos, tocadores de realejo, trapeiros, amoladores de tesouras, funileiros, mendigos, em suma, toda essa massa indefinida, desestruturada e

jogada de um lado para outro, que os franceses denominam la bohème [a boemia]; com esses elementos, que lhe eram afins, Bonaparte formou a base da Sociedade 10 de Dezembro. Era ‘sociedade beneficente’ na medida em que todos os seus membros, a exemplo de Bonaparte, sentiam a necessidade de beneficiar-se à custa da nação trabalhadora. Esse Bonaparte se constitui como chefe do lumpemproletariado, porque é nele que identifica maciçamente os interesses que persegue pessoalmente, reconhecendo, nessa escória, nesse dejetos, nesse refugio de todas as classes, a única classe na qual pode se apoiar incondicionalmente; esse é o verdadeiro Bonaparte, o Bonaparte *sans phrase* [sem retoques]. (MARX, 2011, p. 91, grifos do autor).

Como podemos perceber nessa passagem, vasta é a gama de indivíduos ou grupos sociais os quais fazem parte do que Marx chamou de lumpemproletariado. Em nosso entendimento, o que esse “apanhado de indivíduos”, esses *lumpen* têm em comum é o fato de não apenas concretamente estarem marginalizados no processo de desenvolvimento do capitalismo (inclusive enquanto classe explorada), mas também o fato de serem moralmente segregados.

Engels, em 1850, publica sozinho “A Guerra campesina na Alemanha”, traçando um paralelo entre a Revolução Alemã de 1525 e o movimento revolucionário francês de 1848-1850. O autor compreende os *lumpen* como sendo um proletariado de baixo escalão, um número de pessoas sem ocupação definida e sem domicílio estável o qual pode ser encontrado em todas as cidades e sociedades. Divide o *lumpenproletariat* em três categorias: uma composta por indivíduos que acabaram por aderir ao exército; uma de pedintes que praticam a mendicância e; trabalhadores diaristas não alistados nas associações de trabalhadores ou sindicatos. Todos estes teriam desempenhado, de acordo com Engels, papéis relevantes bélica e politicamente nas guerras germânicas em favor das classes dominantes. Mantendo a linha ofensiva seguida por Marx, afirma que

O lumpenproletariado, essa escumalha dos sujeitos sem dignidade de todas as classes que monta o seu quartel-general nas grandes cidades, é o pior aliado que se pode ter. Esta canalha é absolutamente corrupta e absolutamente descarada. Se os operários franceses em todas as revoluções escreveram nas casas *Mort aux voleurs!*, morte aos ladrões, e abateram mesmo muitos, isso não aconteceu por entusiasmo pela propriedade, mas no reconhecimento correcto de que acima de tudo é preciso livrar-se deste bando (ENGELS, [1850?], trad. nossa, grifos do autor).

Em “O Capital” (1996), Marx retoma a questão do lumpemproletariado ao tratar da superpopulação relativa ou exército industrial de reserva. A composição orgânica do capital se dá pela relação entre capital constante (trabalho morto) e o capital variável (trabalho vivo). O mais-valor, ou margem de lucro é constantemente reinvestido em capital constante. Quanto mais se investe em capital constante, ou seja, em maquinários,

tecnologias que diminuem o tempo de produção, menos trabalho vivo (trabalhadores) são utilizados, o que aumenta o contingente de pessoas aptas a trabalhar, mas que não se inserem ou se inserem parca ou perenemente no processo produtivo: a superpopulação relativa ou exército industrial de reserva.

Dessa forma, o desenvolvimento do processo de produção capitalista, bem como o processo de acumulação no capitalismo modificam a composição orgânica do capital, elevando o quantitativo de trabalhadores aptos, que vai além da reposição natural do contingente humano necessário à reprodução do capital e o exército industrial de reserva tende, também, ao recrudescimento. Nesse sentido, quanto mais cresce o capital, maior é a demanda deste por força de trabalho, que não necessariamente será incorporada.

O sistema capitalista não pode prescindir da existência da superpopulação relativa, visto que esta se coloca como necessária para que os trabalhadores inseridos no sistema aceitem condições precárias de trabalho, achatamentos salariais e degradação das relações trabalhistas. Apontamos, além disso, o caráter ideológico que a existência de um contingente gigantesco de desempregados possui, facilitando a capacidade de criar antagonismos no seio da classe trabalhadora. Diz Giovanni Alves

O modo de produção capitalista necessita do exército industrial de reserva, isto é, uma população excedente ou sobranete que contribui para a produção (e reprodução) da acumulação de valor e para a sustentabilidade da dominação político-cultural (e simbólica) do capital (ALVES, 2007, p. 100).

Ao trazer o conceito de exército industrial de reserva ou superpopulação relativa, Marx divide essa camada social em três categorias. A **líquida** é composta por trabalhadores ora absorvidos, ora repelidos pela indústria. A segunda categoria é a de população **latente**, composta por trabalhadores rurais que podem ser demandados a ir para as cidades, na esteira do desenvolvimento das forças produtivas do capital industrial. A terceira forma é a população **estagnada**. Esta “constitui parte do exército ativo de trabalhadores, mas com ocupação completamente irregular” e proporciona ao capital “um reservatório inesgotável de força de trabalho disponível”. Abarca ainda, indivíduos mais pauperizados e com condições de trabalho irregular, ou ainda, os aptos para o trabalho, mas, sem trabalho, os órfãos e indigentes, além daqueles que são incapazes de trabalhar. Alves (2007, p. 101) identifica esse grupo como sendo constituído por “proletários, operários e empregados, de inserção precária, no sentido lato da palavra. A irregularidade ocupacional indica certa fluidez espúria que se traduz numa desefetivação plena. Sua

organização de classe é tão precária quanto sua condição salarial”. O autor aponta ainda que a população estagnada se encontra em um lugar fronteiro ao pauperismo.

O pauperismo é, como apontou Marx, uma esfera na qual habita “o mais profundo sedimento da superpopulação relativa” e aí que essa população orbita. “Abstraindo vagabundos, delinquentes, prostitutas, em suma, o lumpemproletariado propriamente dito, essa camada social consiste em três categorias”. A subdivisão é realizada da seguinte forma: “os aptos para o trabalho”; “crianças e órfãos indigentes”; “degradados, maltrapilhos, incapacitados para o trabalho”. Esses últimos são apontados como vítimas da própria divisão social do trabalho, com idade avançada para ocupar postos na indústria ou vítimas da periculosidade e insalubridade do próprio labor industrial (MARX, 1996, p. 262). Nas palavras de Karl Marx,

O pauperismo constitui o asilo para inválidos do exército ativo de trabalhadores e o peso morto do exército industrial de reserva. Sua produção está incluída na produção da superpopulação relativa, sua necessidade na necessidade dela, e ambos constituem uma condição de existência da produção capitalista e do desenvolvimento da riqueza. Ele pertence ao *faux frais* [falsos custos] da produção capitalista que, no entanto, o capital sabe transferir em grande parte de si mesmo para os ombros da classe trabalhadora e da pequena classe média (MARX, 1996, p. 263, grifos do autor).

É a partir de excertos de “O Capital” que boa parte da literatura do Serviço Social recupera a ideia de lumpemproletariado e a aplica com relação à conceituação da população em situação de rua. Cabe ressaltarmos que a única passagem na qual o lumpem é abordado por Marx na referida obra é a supracitada, que aqui reproduzimos: “Abstraindo vagabundos, delinquentes, prostitutas, em suma, o lumpemproletariado propriamente dito, essa camada social consiste em três categorias (...)”. À parte de trazer o lumpemproletariado para a esfera do pauperismo, não há maiores pormenorizações acerca da categoria na referida obra.

Podemos observar que Marx e Engels não efetivamente sistematizam ou conceituam a categoria de lumpemproletariado com clareza. Ao longo das obras, ao contrário do que ocorre com diversos conceitos e categorias marxianas, não percebemos um amadurecimento ou esforço com relação a essa noção. A partir de um exercício interpretativo, entretanto, conseguimos compreender que, apesar de serem parte do proletariado, ao mesmo tempo não o são. Há a todo o momento uma contraposição do lumpemproletariado ao proletariado, não apenas enquanto classe, mas enquanto classe consciente (aquela que olha de si para si).

Fanon complexifica a questão do lumpemproletariado sob a ótica marxista a partir de seu discurso sobre o colonialismo. Os lumpen, para ele, são originalmente camponeses, expulsos de suas terras pela exacerbação da pobreza oriunda do processo de industrialização nos países colonizados. Apartados das benesses do sistema colonial, esses indivíduos passam a se deslocar massivamente e a erguer favelas nas margens urbanas que muitos de seus colegas nas cidades experimentam, eles se deslocam em massa para erguer favelas nas margens urbanas. Não são incluídos burgueses, como o fez Marx, na conceituação do lumpemproletariado. Ele, entretanto, mantém a homogeneização do grupo no que tange à falta de posse e marginalização econômica, social e política, esta última, um tanto quanto perigosa no sentido da subsunção dos oprimidos à massa de manobra pelos opressores

Os homens que a população crescente dos campos e o esbulho colonial compeliram a desertar o torrão familiar giram incansavelmente em derredor das diferentes cidades, esperando que de um dia para outro se lhes conceda permissão de entrar. É nessa massa, é nesse povo das favelas, no seio do lumpenproletariat que a insurreição vai encontrar sua ponta de lança urbana. O lumpenproletariat, essa corte de famintos destribalizados, desclanizados, constitui uma das forças mais espontaneamente e mais radicalmente revolucionárias de um povo colonizado (FANON, 1968, p. 106).

Assim, segundo Fanon, a delinquência juvenil nos países colonizados, por exemplo, é um resultado direto do surgimento do proletariado lumpen. Uma vez nos arredores da cidade, esses camponeses sem terra se tornam cafetões, desempregados e criminosos. Fanon inscreve depreciativamente esse grupo da sociedade como "o apodrecimento irreversível, a gangrena instalada no coração do domínio colonial" (1968, p. 107). Contudo, a redenção ainda é possível, especificamente através da participação na luta de libertação nacional. A insurgência armada contra o opressor encontraria um canal por meio desse grupo explorado que vive nas margens.

Nesse sentido, a preocupação com a possibilidade de o lumpen se tornar massa de manobra da burguesia colonialista reside em Fanon, entretanto, ele aponta para a necessidade de organização e formação política como forma de evitar a cooptação pelo opressor, visto que "este nunca perde uma ocasião de atizar os negros uns contra os outros, utilizará com rara felicidade a inconsciência e a ignorância que são as taras do lumpenproletariat" (FANON, 1968, p. 112). Portanto, a educação política das massas se torna historicamente imperativa. O poder revolucionário contido no lumpemproletariado

a partir do conflito armado desafia a ótica marxiana e engelsiana, conforme é explicitado na seguinte passagem.

A constituição de um lumpenproletariat é um fenômeno que obedece a uma lógica própria, e nem a atividade dos missionários nem as prisões do poder central podem entravar-lhe a progressão. O lumpenproletariat, semelhante a uma rataria, apesar dos pontapés, apesar das pedradas, continua a roer as raízes da árvore. A favela consagra a decisão biológica do colonizado de invadir custe o que custar e, se for necessário, pelas vias mais subterrâneas, a cidadela inimiga. O lumpenproletariat constituído e pesando com todas as suas forças sobre a segurança da cidade, significa o apodrecimento irreversível, a gangrena instalada no coração do domínio colonial. Então os caftens, os cafajestes, os desempregados, uma vez invocados os direitos comuns, atiram-se na luta de libertação como robustos trabalhadores. Os ociosos, os desclassificados vão, através do canal da ação militante e decisiva, reencontrar o caminho da nação. Não se reabilitam em presença da sociedade colonial ou da moral do dominador. Pelo contrário, admitem sua incapacidade de entrar na cidade de outro modo que não seja pela força da granada ou do revólver. Esses desempregados e esses sub-homens reabilitam-se diante deles mesmos e diante: da história (FANON, 1968, p. 107).

A abordagem que nos traz Fanon, portanto, traz a necessidade de organização do lumpemproletariado: ao invés de um caráter contrarrevolucionário incontestado, o potencial revolucionário, via organização, coloca essa categoria como agentes relevantes em processos revolucionários.

3 Sobre a conceituação de PSR e a apropriação contemporânea do conceito de lumpenproletariado pelo Serviço Social

Os estudos sobre a PSR têm crescido na área acadêmica, e maiores tem sido os esforços epistemológicos em se pensar quem são essas pessoas. Coloca-se como fator determinante nesse processo o envolvimento de diversos setores da sociedade, em especial, de movimentos sociais na implementação de políticas públicas voltadas para PSR nos últimos anos. A utilização da expressão pessoa ou população em situação de rua se consolidou em contraposição às expressões utilizadas no senso comum, que geralmente fala de “moradores de rua” ou mendigos. Há, atualmente a compreensão de que estar na rua é um processo, não um estado permanentemente irrevogável, sendo, pois, considerada uma questão situacional. Apontamos aqui para a importância da adoção da expressão população ou pessoas em situação de rua, visto que esta não apenas desabona expressões cunhadas de preconceitos, mas também pode nos trazer reflexões a partir de uma perspectiva semiótica, pois traz a ideia de uma questão situacional, nos levando à

associação imagética de movimento, de trânsito, de dinâmica. A Política Nacional para a População em situação de rua a caracteriza como sendo um

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009).

A socióloga Camila Giorgetti (2014), em seu estudo comparativo Brasil/França acerca das representações sociais fundamentadoras de preconceitos acerca dos “moradores de rua” aponta que, até os anos 1990, havia uma tendência nos estudos sociológicos em se pensar a população em situação de rua a partir da figura do “mendigo”. Acrescenta ainda que o conceito de lumpemproletariado inspirado na tradição marxista reina nas produções na área da sociologia até os anos 1990, quando começa a ser pensada a “nova pobreza” em terras francesas. De acordo com ela, a taxaço pelos acadêmicos dos “moradores de rua”, chamados, então, por eles de mendigos “encobria a diversidade dessa população”. Nessa linha, Kowarick (1979), ao abordar os estigmas sofridos por moradores de favelas, diferencia os trabalhadores assalariados ou autônomos dos mendigos, prostitutas ou delinquentes.

Ciberen Ouriques (2016), ao analisar os fundamentos do Serviço Social presentes nas publicações sobre PSR, aponta que, de forma geral, os trabalhos compreendem o fenômeno enquanto expressão da questão social. Não discordamos desse ponto, entretanto, acreditamos que, dada a heterogeneidade do grupo em questão, é pertinente uma revisão aprofundada das noções marxianas e marxistas utilizadas para a conceituação (no caso, a noção de lumpemproletariado).

O fenômeno da PSR foi por muito tempo preterido nos debates acadêmico-científicos do Serviço Social. De acordo com Silva (2012), a produção se torna mais profícua com a implementação da Política Nacional para a População em Situação de Rua, no ano de 2009, bem como por conta da ampliação dos cursos de pós-graduação na área de Serviço Social e correlatas.

Nossa análise vai ao encontro daquela apresentada por Ouriques (2016) no que tange à importância da obra de Maria Lúcia Lopes da Silva, publicada como dissertação de mestrado em Serviço Social em 2006 e como livro em 2009, com o título homônimo “Trabalho e população adulta em situação de rua no Brasil”. A partir desse período,

poucas são as publicações acadêmico-científicas que não utilizam os apontamentos de Silva (2009) como referencial, sendo seu referencial teórico claramente marxista.⁴

Parece ser *hors concours* na literatura do Serviço social que pensa a PSR a compreensão desta como sendo parte do exército industrial de reserva ou superpopulação relativa. Silva (2009) que, como apontamos, é comumente referenciada em artigos, dissertações e teses sobre PSR, compreende que esta se insere na superpopulação relativa, mas principalmente no lumpemproletariado. Diz a autora que

a participação da população em situação de rua na composição do lumpemproletariado e, no limite, do exército industrial de reserva, é certa em relação à população em situação de rua no Brasil entre 1995 e 2005. Pois esta população se situa da forma flutuante, latente ou estagnada da superpopulação relativa, sendo que suas características e perfil possibilitam associá-la o lumpemproletariado (parte da classe trabalhadora que se encontra no pauperismo, é apta ao trabalho, mas não é absorvida pelo mercado) ou, no máximo, no exército industrial de reserva, na forma de superpopulação relativa estagnada, que sobrevive do trabalho precarizado (SILVA, 2009, p. 201).

Como podemos perceber, Silva (2009) compreende a população em situação de rua como sendo associada ao lumpemproletariado, situada naquele mais baixo estrato, o pauperismo, conforme tratado por Marx em “O Capital”. A autora situa, ainda, de forma restrita, essa população como sendo parte da superpopulação relativa. Apesar de concordarmos que, de fato, a população em situação de rua pode, em grande medida, ser inserida nas categorias de pauperismo e de superpopulação relativa, a noção de lumpemproletariado não é adequada dado o caráter moral, e ousamos dizer, moralista, adotado, bem como reiteramos que não há uma sistematização do pensamento engelsiano e marxiano acerca do *lumpenproletariat*.

A perspectiva apresentada por Tiengo (2018) também insere o lumpemproletariado na forma de superpopulação relativa do pauperismo e, apesar de compreender a heterogeneidade da PSR, assim como aponta Silva (2009), compreende ser adequado à conceituação da PSR a utilização da noção de lumpemproletariado. Apenas para citar alguns trabalhos, apontamos Nogueira (2014), Costa (2013), Araújo, (2013), Reis et al (2018), Pereira (2016), Silva (2012), Ouriques (2016), dentre outros estudos, que trazem a noção de lumpemproletariado como sendo pertinente para tratar de pessoas em situação de rua.

4 Ouriques (2016) diz que todas as produções estudadas por ela a partir de 2010 citaram Silva (2009) como referência e fundamento nas teses e dissertações.

Considerações Finais

O Serviço social, enquanto profissão que deve atuar em favor dos direitos humanos, deve abstrair-se de utilizar categorizações que tenham algum cunho preconceituoso ou moralista (mesmo que sejam aquelas realizadas pelo pensador cujo método é hegemônico na categoria profissional). Decisões epistemológicas equivocadamente tomadas podem implicar na reiteração de um senso comum pautado em preconceitos, o que por si, pode gerar uma agudização do sofrimento de determinado grupo vulnerado.

A PSR se coloca, em nossas interpretações, social, economicamente e politicamente útil ao sistema capitalista na manutenção do *status quo*.⁵ Mesmo não sendo um grupo utilizado como alvo de campanhas eleitorais (no sentido de não se enquadrarem como eleitores “comuns”), se colocam, muitas vezes como elemento de narrativas políticas as quais podem tanto demandar políticas públicas, como se ater à dimensão caritativa. Nesse sentido, devemos ter em mente que as políticas públicas nem sempre são positivas. Claramente uma expressão da questão social, a questão da realização, apesar de não ter origem no capitalismo⁶ adquire nele novos contornos e evidencia as desigualdades inerentes ao sistema e suas contradições.

Por sua vez, se em algumas passagens Marx e Engels classificam o lumpemproletariado como sendo parte do proletariado, estes são colocados como uma força contrarrevolucionária, desorganizada e reacionária, sujeita à cooptação pelas classes dominantes. Outro ponto, é que, como vimos em algumas passagens de Marx e Engels, nem sempre o lumpemproletariado será relacionado à classe trabalhadora podendo fazer parte também de setores da burguesia, da nobreza, das classes médias etc, visto que corresponde “à escumalha dos sujeitos sem dignidade de todas as classes” (Engels, 1850?).

Mesmo se tomássemos (e não tomamos) como verdadeiro que a PSR incorpora-se ao *lumpenproletariat*, no que tange às relações espúrias que, de acordo com Marx e

5 A expressão *status quo* vem latim: O estado das coisas ou como as coisas são. É pensado aqui partir de uma perspectiva de conservação da ordem social sob a égide do capital.

6 Stoffels (1977) aponta que o fenômeno da população em situação de rua (a autora, nesse ponto, utiliza a expressão mendigos e atrela o fenômeno à mendicância) remonta à Grécia antiga e à decomposição da sociedade arcaica, ao fortalecimento da propriedade privada, à escravidão e à divisão do trabalho. Na Roma Antiga a atividade de mendicância e a realização, da mesma forma, seria também oriunda da perda de terra com as guerras, ampliação da escravização e, ainda maior consolidação da propriedade privada.

Engels, o *lump* realiza com as classes dominantes, fazendo aqui, referência ao bonapartismo, com relação à cooptação, devemos ter em mente que estaríamos aqui tratando de indivíduos os quais carecem das mínimas condições de subsistência (não possuem moradia, tem dificuldade em se alimentar e o acesso às políticas públicas é tangenciado pelo preconceito, violência e estigmas sociais).

Em nossa análise, Marx e Engels, ao trabalhar o conceito de *lumpenproletariat* trazem muito mais uma categoria moral do que social. Nesse sentido, parece haver em Marx uma dicotomização de *lumpemproletariat* versus *proletariat*, o primeiro, sendo o cúmulo da degeneração, maculado, o segundo, romantizado, a única classe capaz de engendrar o processo revolucionário, pois, como sabemos, em Marx, é o proletário o responsável pela emancipação humana (dele mesmo e também de seu algoz, o capitalista).

Marx aglutina, de acordo com Linden (2016), o lumpemproletariado em camponeses deslocados, proletários desempregados, autoempregados, e profissões dúbias. A alocação de determinadas categorias profissionais na noção de *lumpen* ocorre a partir de uma marginalização não apenas do comportamento moral que uma ou outra ocupação terão (como no caso das prostitutas, por exemplo), mas pela própria marginalização de não se possuir um emprego formal (no caso, na fábrica), implicando em um não enquadramento do lumpemproletariado à classe trabalhadora, justamente por sua condição marginal, o que transparece em alguns momentos da obra marxiana-engelsiana. No Brasil em que uma massa de milhões de desempregados que só tende a crescer com a ofensiva neoliberal, o que implicará em um contingente cada vez maior de pessoas vivendo na rua, o Serviço social não deve adotar a noção de *lumpenproletariat per si*.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. L. R. **Gestão social da população em situação de rua na cidade de Vitória-ES 2005 a 2012.** Dissertação de Mestrado. UFES, 2013.

BRASIL. **Decreto nº 7.053** de 23 de dezembro de 2009.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em 5 fev. 2020.

COSTA. **Política municipal de atendimento à população em situação de rua de fortaleza: desafios para uma proposta de inclusão.** Dissertação de mestrado em Políticas públicas, Universidade Estadual do Ceará, 2013.

ENGELS, F. **The Peasant War in Germany Frederick Engels**. 1850. Disponível em <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1850/peasant-war-germany/index.htm>>. Acesso em 7 jul. 2019.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

GIORGETTI, Camila. **Moradores de rua: uma questão social?** São Paulo: Fapesp; EDUC, 2006.

KOWARICK, L. **A Espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LINDEN, M. V. O conceito marxiano de proletariado: uma crítica. In: **Sociol. antropol.** Rio de Janeiro, v.06.01: 87–110, abril, 2016

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

_____. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. Estud. av., São Paulo, v. 12, n. 34, p. 7-46, Dec. 1998.

MARX, K. **As lutas de classes na França**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2012.

_____. **O CAPITAL**. Livro 1, Tomo 2. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIA (The Marxists Internet Archive). **Encyclopedia of Marxism: Glossary of Terms**. Disponível em: <https://www.marxists.org/glossary/terms/l/u.htm#lumpenproletariat>. Acesso em: 28 jan. 2020.

NOGUEIRA, V. S. **A política nacional para população em situação de rua implementada no Centro Pop de Fortaleza**. 2014. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014

OURIQUES, C. Q. **A PEDRA ANGULAR: Fundamentos utilizados pelo Serviço Social sobre População em Situação de Rua**. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

PEREIRA, F. da H. **Desdobramentos da adesão do governo do Distrito Federal à política nacional para a população em situação de rua**. Dissertação de mestrado, UNB, 2016.

RAYMOND, H. Marx et Engels devant la marginalité : la découverte du lumpenproletariat. In: **Romantisme**, 1988, n°59. Marginalités. pp. 5-17;

REIS, G. D. et al. População em situação de rua da cidade de Franca-SP: as consequências e os desafios causados pela exclusão. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. Vitória, 2018.

SILVA, M. L. L.. **Trabalho e população adulta em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, C. L. da. **Estudos sobre população adulta em situação de rua**: campo para uma comunidade epistêmica. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

STOFFELS, M. G. **Os mendigos na idade de São Paulo**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.